ILAESE
Instituto Latino-Americano de Estudos Socioeconomicos
www.ilaese.org.br

PANORAMA ECONÔMICO

BOLETIM SEMESTRAL DE CONJUNTURA ECONÔMICA DO
INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS

SÃO PAULO

JULHO/2018

QUADRO SÍNTESE

A situação econômica está marcada por crise, aumento da taxa de exploração dos trabalhadores, neste caso, evidenciada por meio da elevação da produtividade do trabalho, em especial, nos setores da Indústria, mais a concentração da renda em favor dos grandes grupos econômicos.

Os setores da Indústria de meios de produção e meios de consumo duráveis, desde os últimos anos, estão conduzindo a estratégia de superar os efeitos da crise econômica por meio do aumento da produtividade do trabalho, via queda dos empregos formais e elevação da produção física.

No período que envolveu o último trimestre de 2017 e o primeiro deste ano, o crescimento da produção ficou marcado pela combinação das atividades produtivas da Indústria de meios de consumo duráveis com o posicionamento do capital bancário, quem por sua vez promoveu expansão do crédito a pessoa física, diga-se de passagem, motivada por aumento do spread, ou seja, se elevou a diferença entre os juros de empréstimos e aplicações bancárias. Além disso, teve impacto o crescimento das vendas externas do agronegócio.

Já as finanças públicas, em função da “financeirização”, tendo cerca de 50% de suas receitas correntes dominadas pela rolagem da dívida, sofre impacto fiscal negativo em função da queda na produção bruta total.

Nesse cenário, esse estudo não aponta para a recuperação da taxa de investimento (público e privado) no país, mesmo sob a situação de aumento da produtividade do trabalho vista em setores do polo dinâmico da economia brasileira. A principal razão contraditória esta no processo histórico da semicolonização que dificulta constituição de conexões amplas entre as principais cadeias produtivas da Indústria. Somam-se a isso os atuais elementos contraditórios em torno dos investimentos públicos, da expansão do crédito e do comércio exterior.

O sistema de preços está apresentando uma combinação que envolve o domínio dos grandes grupos econômicos, nos principais setores produtivos, junto com isso os efeitos da crise econômica sobre os pequenos e médios proprietários instalados nas cadeias de fornecimentos da economia brasileira. No primeiro caso, o sistema de preços é condicionado por fatores internacionais e, na segunda dimensão, a depender do posicionamento de política monetária, do emprego e da renda, a subida de preços dos serviços de consumo das famílias.

Enfim, a dinâmica econômica do país está pautada por queda no crescimento da produção, emprego e renda. Isto ocorre pelas dificuldades de se combinar no próximo período a elevação da produtividade do trabalho em setores mais fortes da indústria, com a expansão do crédito, das exportações envolvendo vários setores produtivos e dos investimentos (público e privado). Portanto, concluímos que a tendência mais provável é a redução do nível de crescimento econômico.

No Brasil, o ciclo de crescimento econômico de curto prazo só é forte quando acontece a combinação entre o aumento da taxa de mais-valia nas cadeias produtivas do polo dinâmico1 com o posicionamento de outros capitais, por exemplo, do capital bancário, via expansão do crédito, além do crescimento de outros setores produtivos, por meio das exportações e investimentos. Esse é um dos conceitos abstratos fundamentais que norteia a análise da situação econômica e as principais tendências do crescimento no país.

Óbvio que o crescimento econômico também pode ser influenciado por outras atividades produtivas, por exemplo, o Agronegócio e suas exportações, porém, defende-se que um nível de crescimento originário deste setor não é capaz de sustentar o sistema econômico se não for combinado com as cadeias produtivas de meios de consumo duráveis e meios de capital. Dentre outras razões porque, embora influenciando de maneira decisiva na balança comercial, o Agronegócio não é o centro do emprego e distribuição de renda no país. Este é o mecanismo do capital produtivo no país.

Este boletim cumpre o objetivo central de oferecer um ponto de vista sobre a situação e a dinâmica da economia brasileira. A questão maior é que para tal feito faz- se uso de método que combina a condição estrutural, vista por meio das relações sociais de produção dominadas por grandes grupos econômicos, sem perder de vista a dinâmica contraditória, especialmente, em setores da Indústria de meios de produção e meios de consumo, tudo isso associado aos recentes fenômenos da economia política mundial e brasileira.

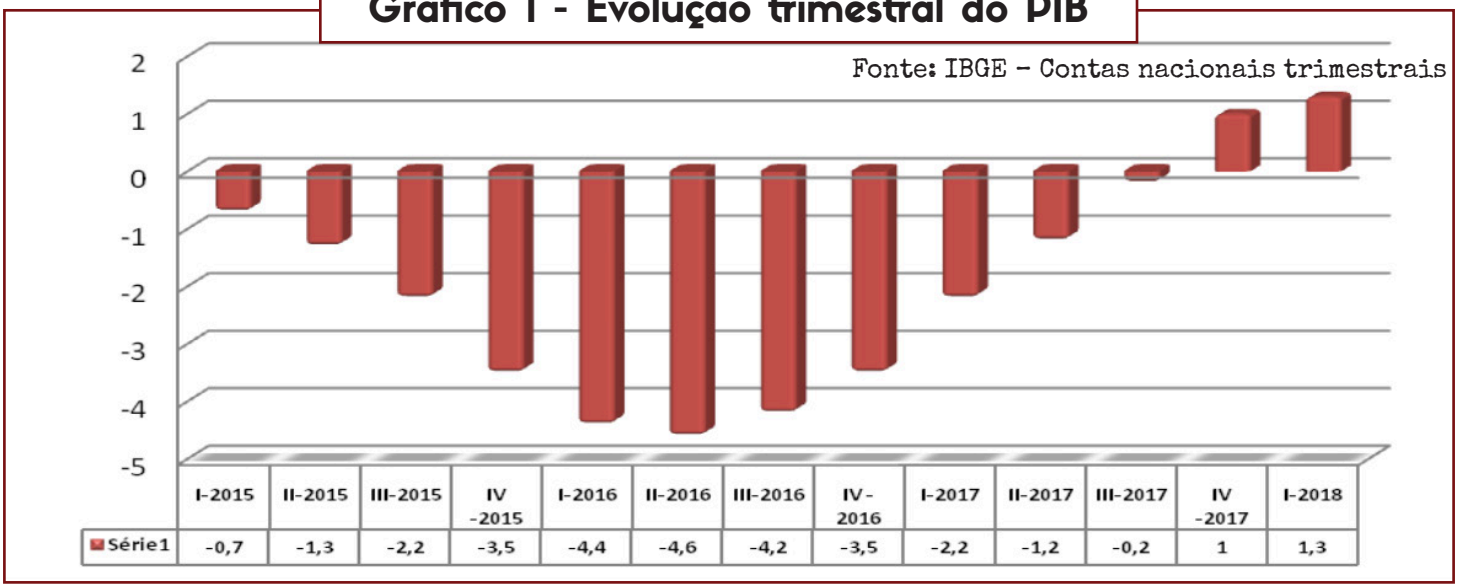
1. A situação econômica no Brasil

O gráfico 1 revela a forte queda do PIB, no intervalo do primeiro trimestre de 2015 até o terceiro quartil de 2017, logo depois, no final deste ano e o início de 2018,

1. O polo dinâmico da economia brasileira está composto pelos setores da indústria de meios de capital e meios de consumo duráveis, isto é, os sistemas mecânico e eletrônico. Os gastos produtivos destes setores são responsáveis pelo valor adicionado e potencializam as atividades produtivas determinantes do produto, emprego e renda.

verifica-se a inversão que trouxe uma pequena recuperação do PIB, respectivamente, de 1% e 1,3%.

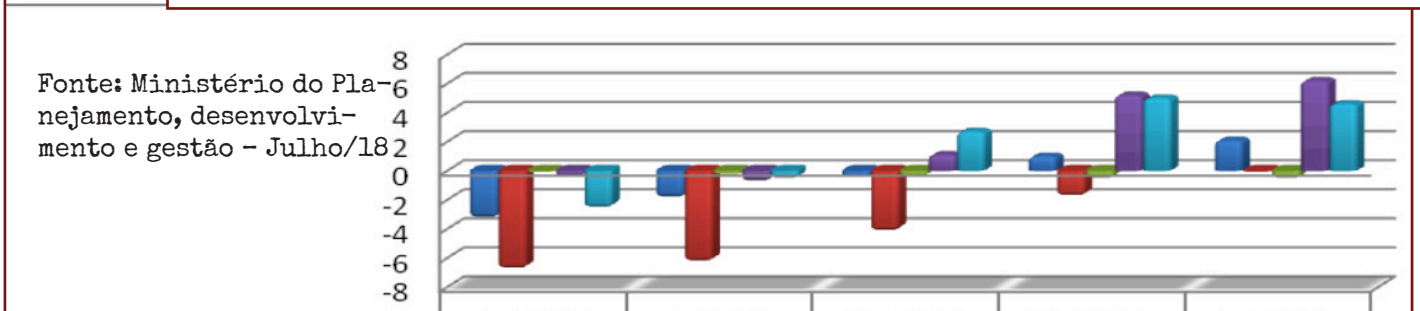
Gráfico 1 - Evolução trimestral do PIB



	I-2015	II-2015	III-2015	IV -2015	I-2016	II-2016	III-2016	IV - 2016	I-2017	II-2017	III-2017	IV -2017	I-2018
Série1	-0,7	-1,3	-2,2	-3,5	-4,4	-4,6	-4,2	-3,5	-2,2	-1,2	-0,2	1	1,3

No período em pauta, a análise do PIB sob a ótica da oferta mostra crescimento da produção física da Indústria e do Agronegócio, em especial, no final de 2017 e início de 2018. Já do ponto de vista da demanda, tal como se vê no gráfico 2, o destaque é para a pequena recuperação do consumo das famílias e das exportações.

Gráfico 2 – Evolução trimestral dos componentes da demanda do PIB (variação percentual acumulada 4 trimestres)



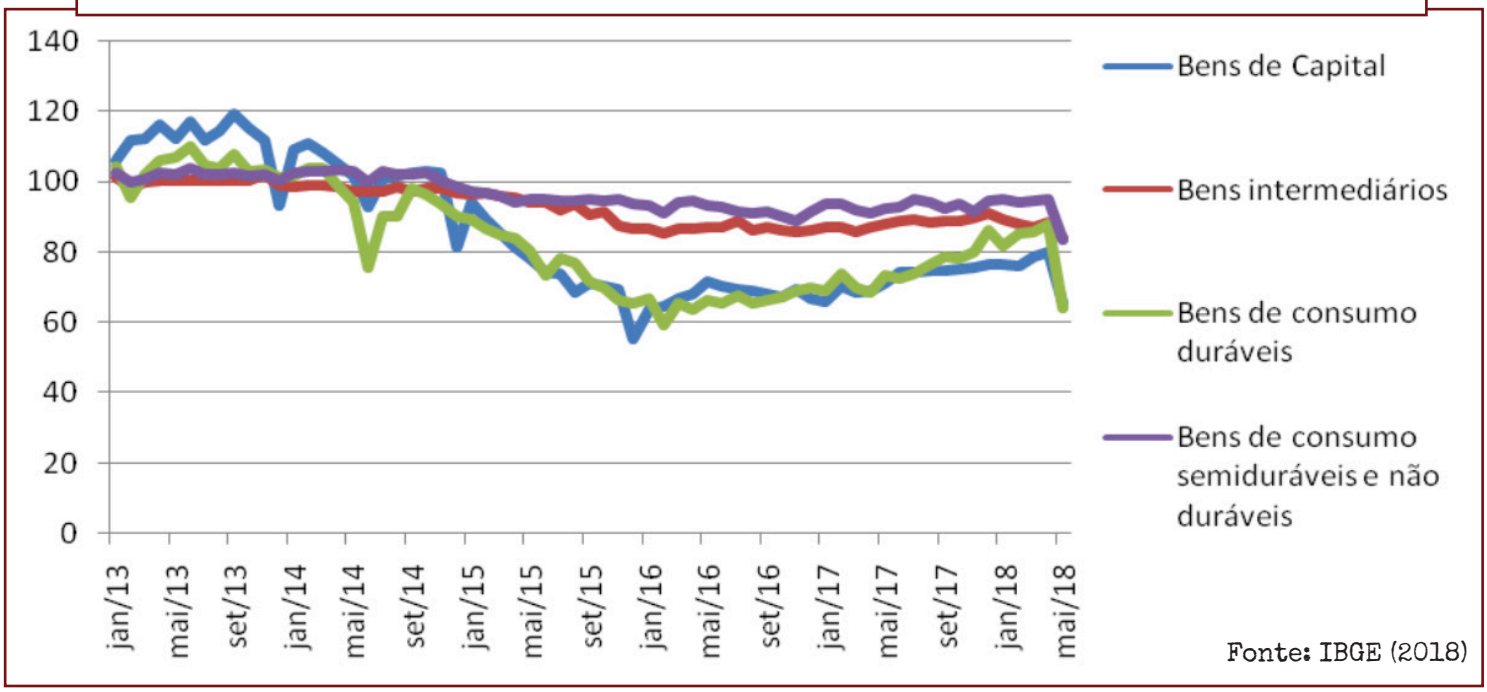
	I - 2017	II - 2017	III- 2017	IV - 2017	I - 2018
Consumo das famíias	-3,3	-1,9	-0,5	1	2,1
Investimento	-6,8	-6,3	-4,2	-1,8	-0,1
Consumo Governo	-0,1	-0,3	-0,4	-0,6	-0,6
Exportação	-0,4	-0,8	1,1	5,2	6,2
Importação	-2,6	-0,6	2,7	5	4,6

O nível de crescimento da produção física da Indústria foi muito mais influenciado pelas decisões de gastos dos setores de meios de consumo duráveis e meios de capital, e, no caso do Agronegócio, o destaque para a produção de soja e milho.

1.1 Produção, emprego e produtividade

O gráfico 3 mostra a evolução da produção física dos setores da Indústria de Transformação no país. Os setores de meios de produção e meios de consumo duráveis, entre o segundo semestre de 2014 e o final do ano de 2016, enfrentaram sucessivas quedas no produto, porém, a partir de 2017, verifica-se uma recuperação do crescimento. Diante do exposto, convém se observar duas questões. A primeira é que a trajetória dos setores produtivos acima referidos possui pontos em comum com a evolução do PIB. Além disso, no período após o ano 2017, a dinâmica da produção física do setor de meios de consumo duráveis ficou acima do setor de meios de produção, o que por sua vez denota um crescimento do PIB sem as conexões de gastos de investimentos.

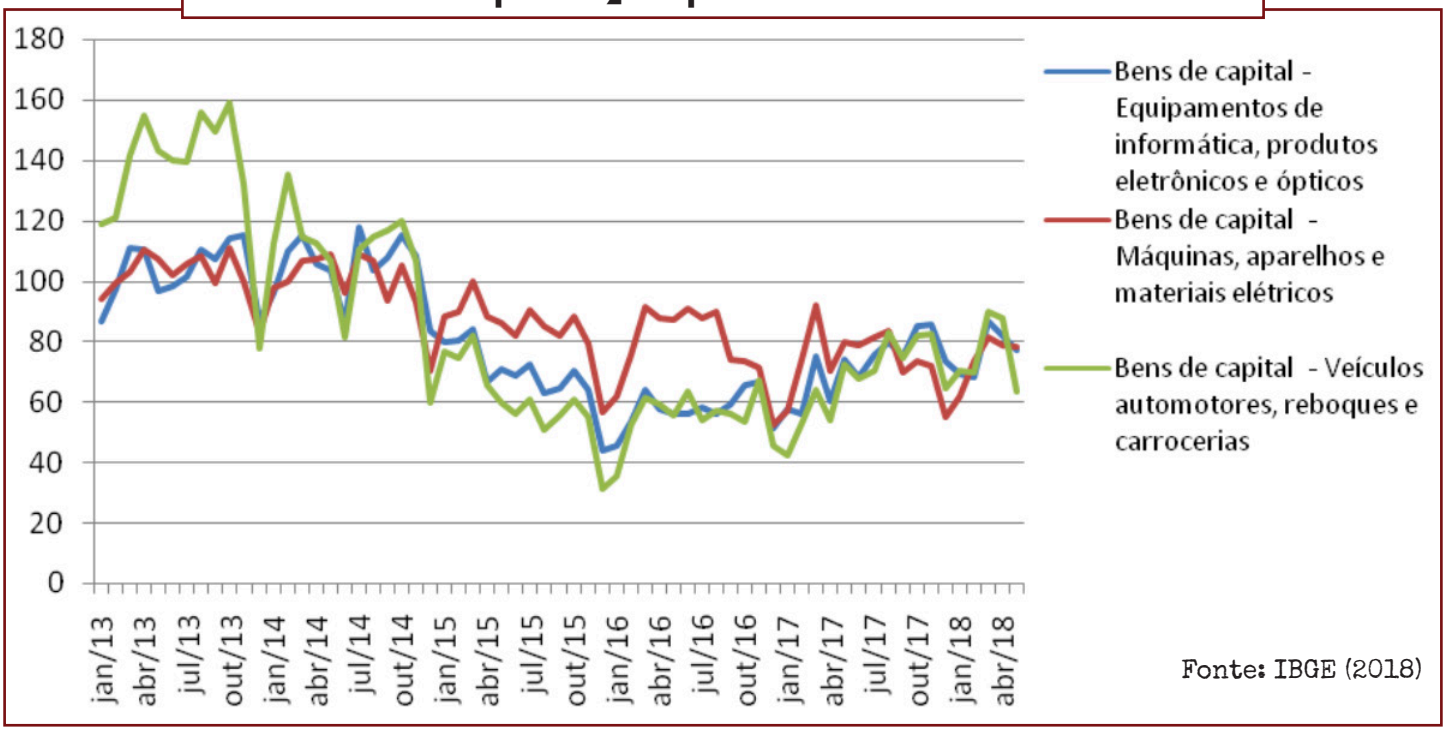
Gráfico 3 - Índice da produção física de setores da Indústria no Brasil



Fonte: IBGE (2018)

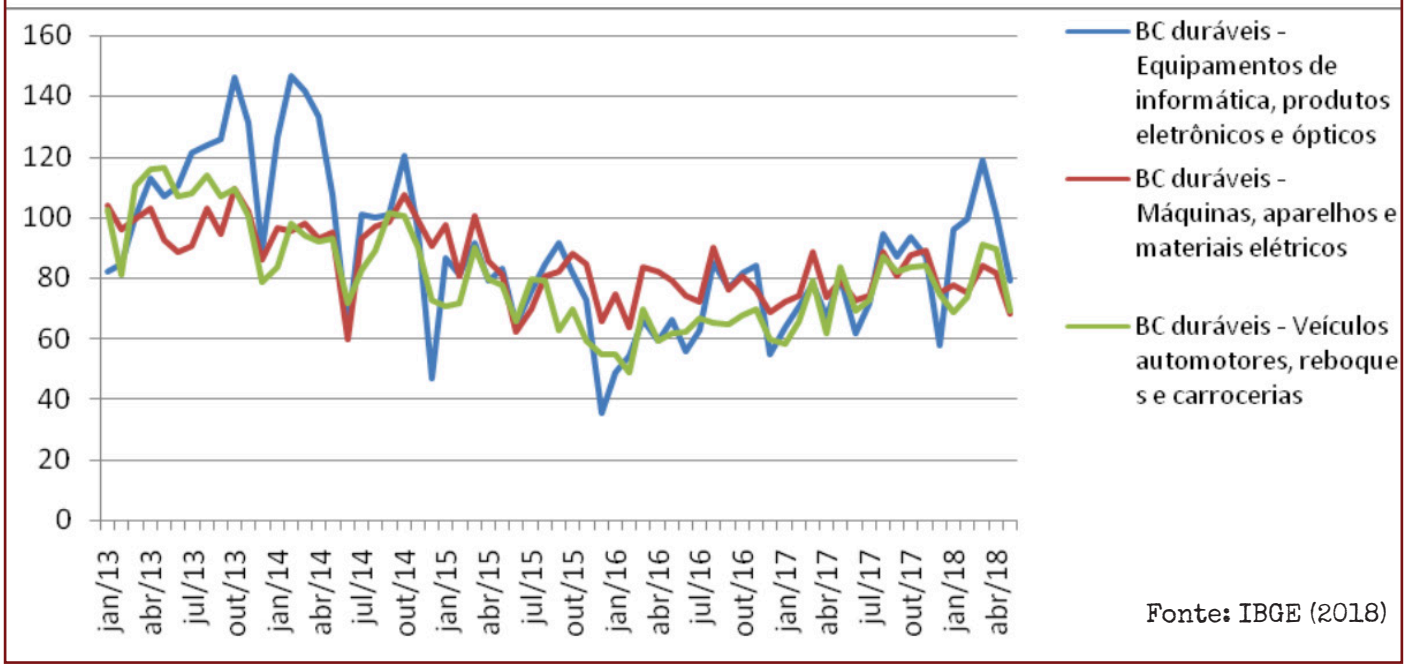
O gráfico 4 oferece a vista das trajetórias da produção física das atividades ligadas a setor de meios de capital, isto é, meios de produção consumidos pela indústria. É relevante observar a queda acentuada das atividades de meios de capital ligadas ao setor de veículos automotores, reboques e carrocerias. Esse aspecto também reforça o que foi dito acima: crescimento relativo da produção que não foi acompanhada pela elevação dos investimentos no setor.

Gráfico 4 - Índice da produção do setor de meios de produção por atividades



O próximo gráfico evidencia a evolução da produção física somente nos setores da Indústria de meios de consumo duráveis, no período de jan/2013 a abr/18. A linha verde dá a visão da queda da atividade produtiva de veículos automotores, reboques e carrocerias, de 2013 a 2016, e a recuperação da produção deste setor, de lá até o período recente.

Gráfico 5 - Índice da produção física do setor de meios de consumo duráveis por atividades



Esta linha de raciocínio deve ser associada a leitura da situação dos empregos formais neste polo dinâmico da economia brasileira. A este respeito, nota-se que tanto no setor de meios de capital como em meios de consumo duráveis, depois de janeiro/14, iniciou-se um processo de demissões de trabalhadores, tudo isso combinado com a elevação da produção física.

Gráfico 6 - Índice de empregos no setor de Máquinas e Equipamentos (CNAE 28, base fixa)

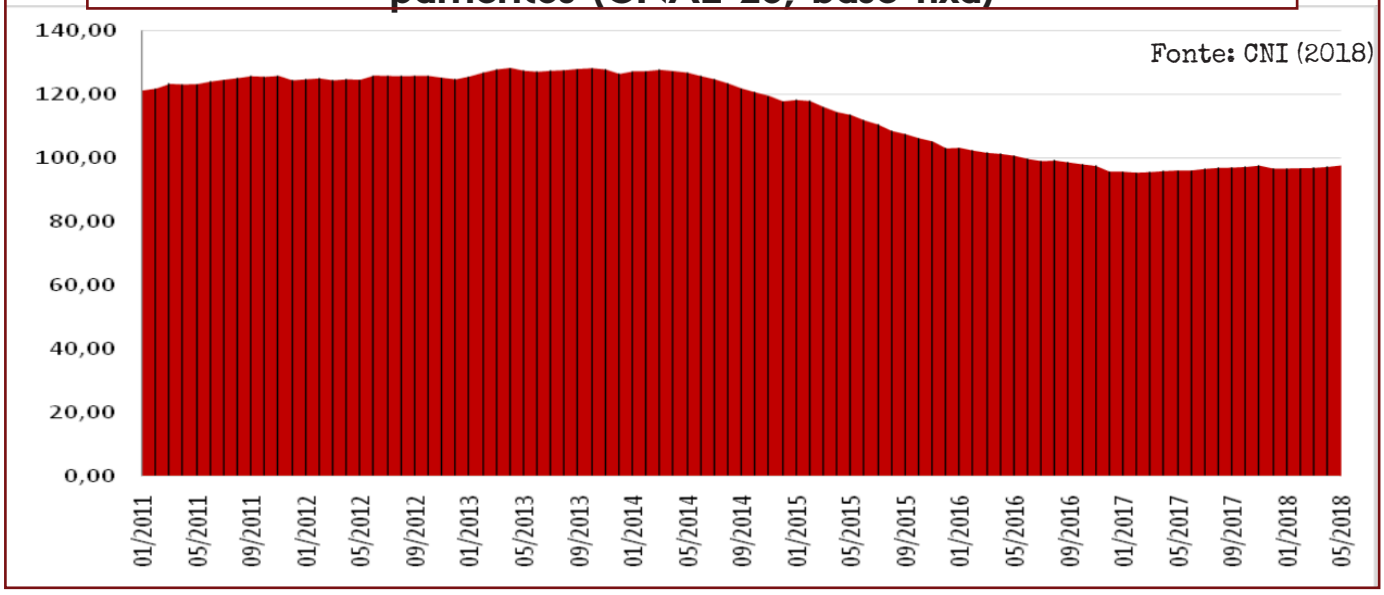
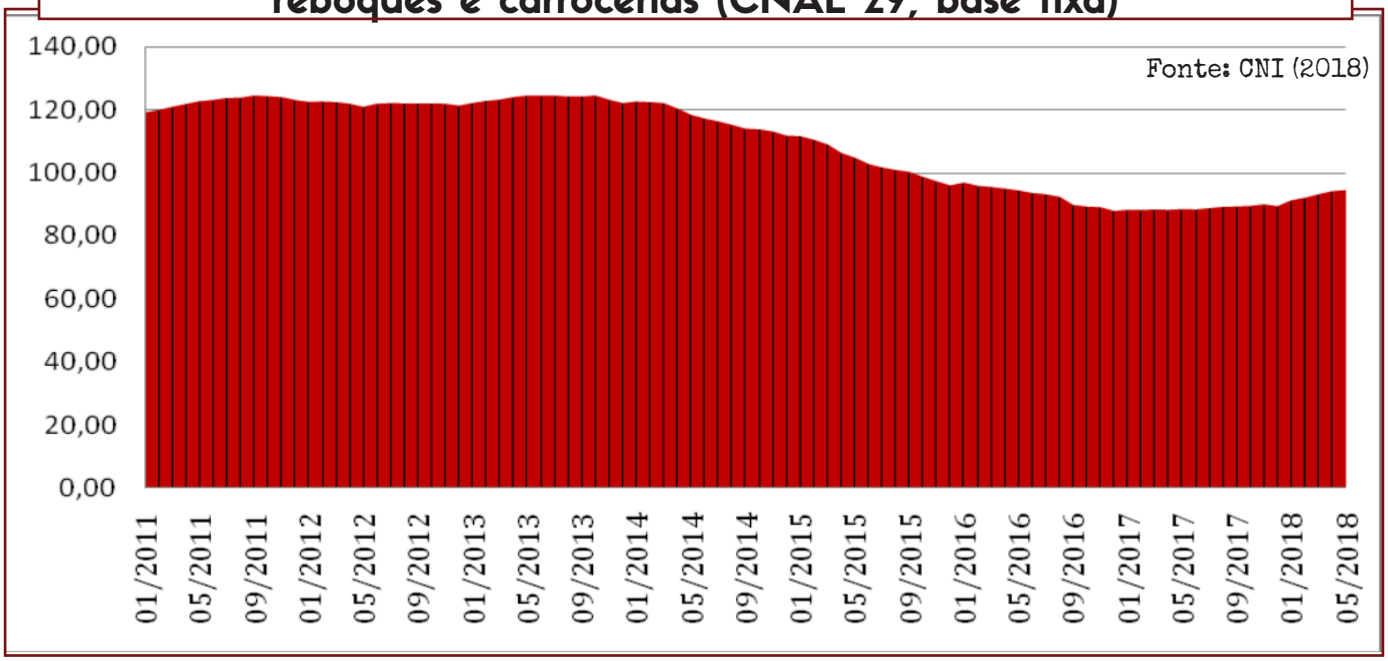


Gráfico 7 - Índice de empregos no setor de Veículos automotores, reboques e carrocerias (CNAE 29, base fixa)

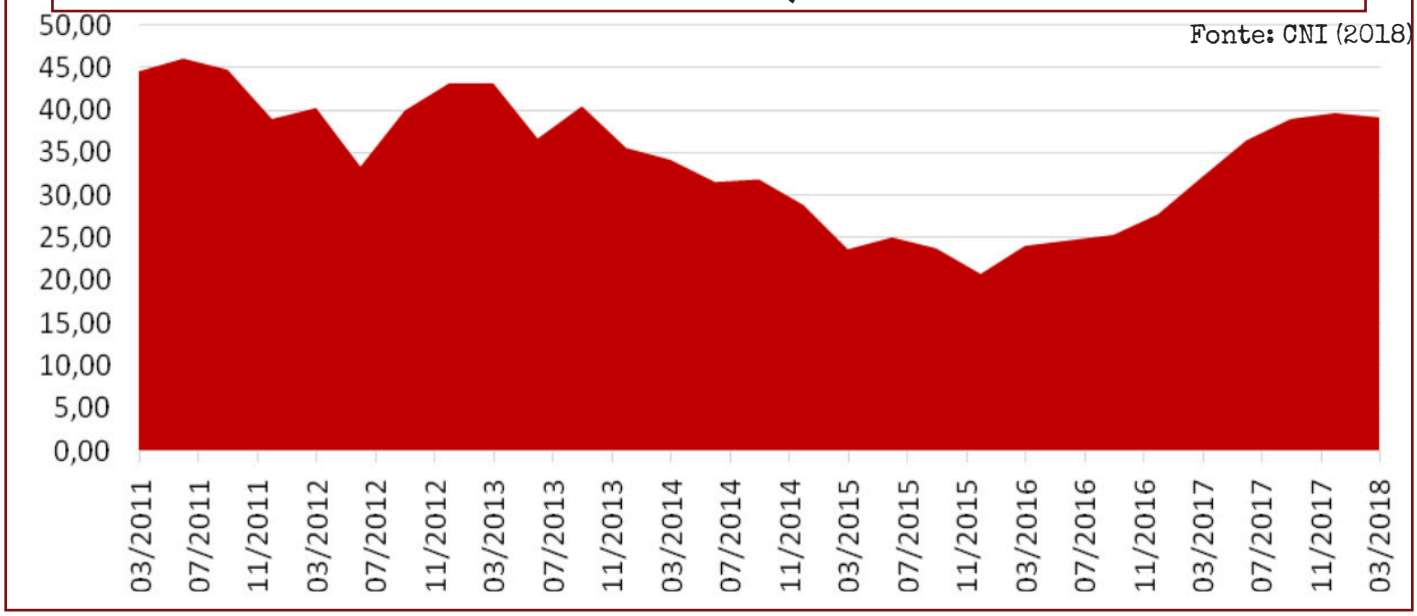


Vimos anteriormente que houve uma recuperação da produção física na Indústria de meios de capitais e meios de consumo duráveis no período de início de 2017 até o mês de abril de 2018. No entanto, conforme se vê nos gráficos indicados, esse processo deu-se por meio do aumento da produtividade do trabalho, sendo este processo condicionado pelo mecanismo de redução dos empregos e dos gastos com salários. Foi esta solução que possibilitou a elevação dos lucros, o que por sua vez deu impulsos as decisões que elevaram a produção física.

O CRESCIMENTO ECONÔMICO É ALAVANCADO PELA ELEVAÇÃO DA INTENSIDADE DO TRABALHO SEM QUE SE VERIFIQUE A CORRESPONDENTE AMPLIAÇÃO DO EMPREGO E DA RENDA.

O gráfico 8 mostra a elevação do nível de satisfação com a margem de lucro operacional do setor de veículos automotores, reboques e carrocerias, a partir do final de 2016, momento no qual se manifestou fortemente a combinação de aumento da produção física com redução dos empregos formais.

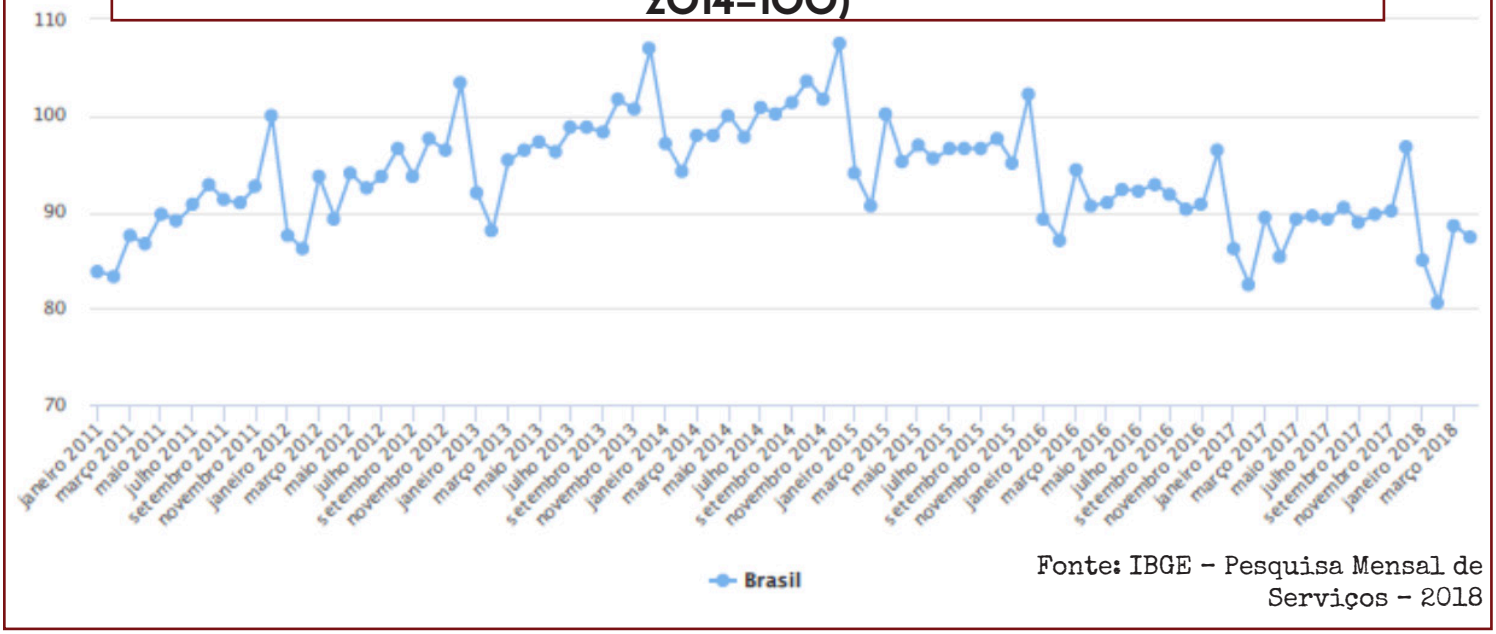
Gráfico 8 - Índice de satisfação com a margem de lucro operacional do setor de Veículos automotores, reboques e carrocerias (CNAE 29, base fixa)



Em síntese, os setores de meios de capitais e meios de consumo duráveis, no contexto da crise econômica, recuperaram a produção física e a lucratividade, por meio da combinação do aumento da produtividade do trabalho acima dos aumentos reais de salários. Tudo isso consolida uma dinâmica econômica que concentra a renda em favor de lucros dos grandes grupos econômicos do setor industrial, em prejuízo do poder aquisitivo dos salários.

É necessário partir, na análise, do polo dinâmico da economia nacional porque este dá a tônica dos demais setores. Como o crescimento da produtividade física nesse polo dinâmico não é acompanhada do crescimento do emprego e da remuneração, o setor de serviços não possui uma base para um crescimento consistente. O gráfico 9 mostra a dinâmica do setor de serviços. No período em questão, não se vê uma recuperação forte, a exceção ocorre em uns poucos serviços destinados ao consumo das famílias.

Gráfico 9 - Índice de volume de serviços – total (base : média de 2014=100)



Fonte: IBGE – Pesquisa Mensal de Serviços – 2018

2. Perspectivas da economia brasileira

Os dados relativos ao crescimento do PIB, nos dois últimos trimestres, evidenciam a combinação das atividades produtivas da Indústria de meios de consumo duráveis com o posicionamento do capital bancário. Este último, por sua vez, promoveu expansão do crédito a pessoa física, diga-se de passagem, motivado por aumento do spread, além disso, pelo aumento das vendas do próprio setor de meios de consumo duráveis e outros negócios externos do Agronegócio.

2.1 Crédito e consumo das famílias

No Brasil, desde as últimas décadas, o processo do consumo das famílias está muito financeirizado, em outras palavras, grosso modo, movido pelo crédito com preços de juros muito altos, que na maioria das vezes resulta em endividamento familiar.

O próximo gráfico expõe o saldo real de crédito destinado a pessoa física, no período de 2008 a 2018. Nota-se que houve expansão do crédito no ciclo de crescimento da década de 2000, depois o refluxo a partir de 2014 e, nos últimos anos, uma pequena elevação do crédito a pessoa física. O detalhamento desta modalidade de crédito mostra que houve incremento dos contratos de crédito para a aquisição de

veículos e outros meios de consumo duráveis. Ademais, convém dizer que tal efetivação guarda relações com a recuperação da produção física do setor de veículos automotores, reboques e carrocerias.

Gráfico 10 - Saldo real de crédito (R$ trilhões)

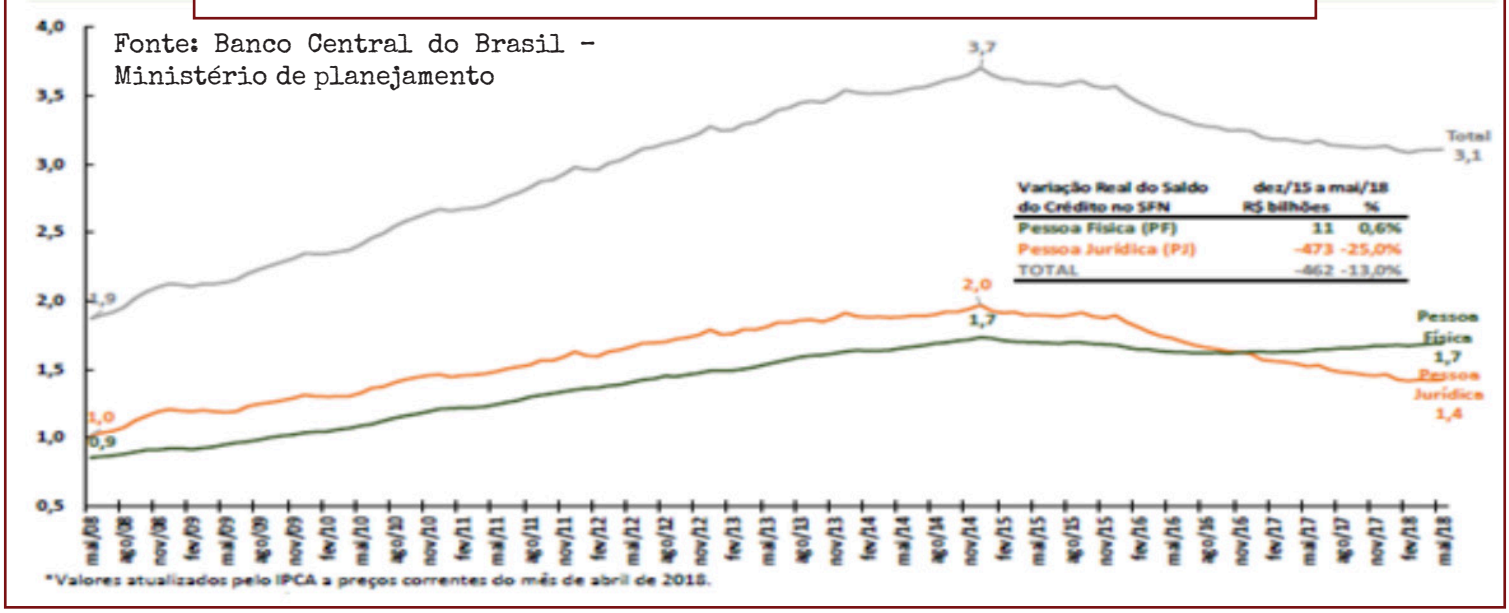
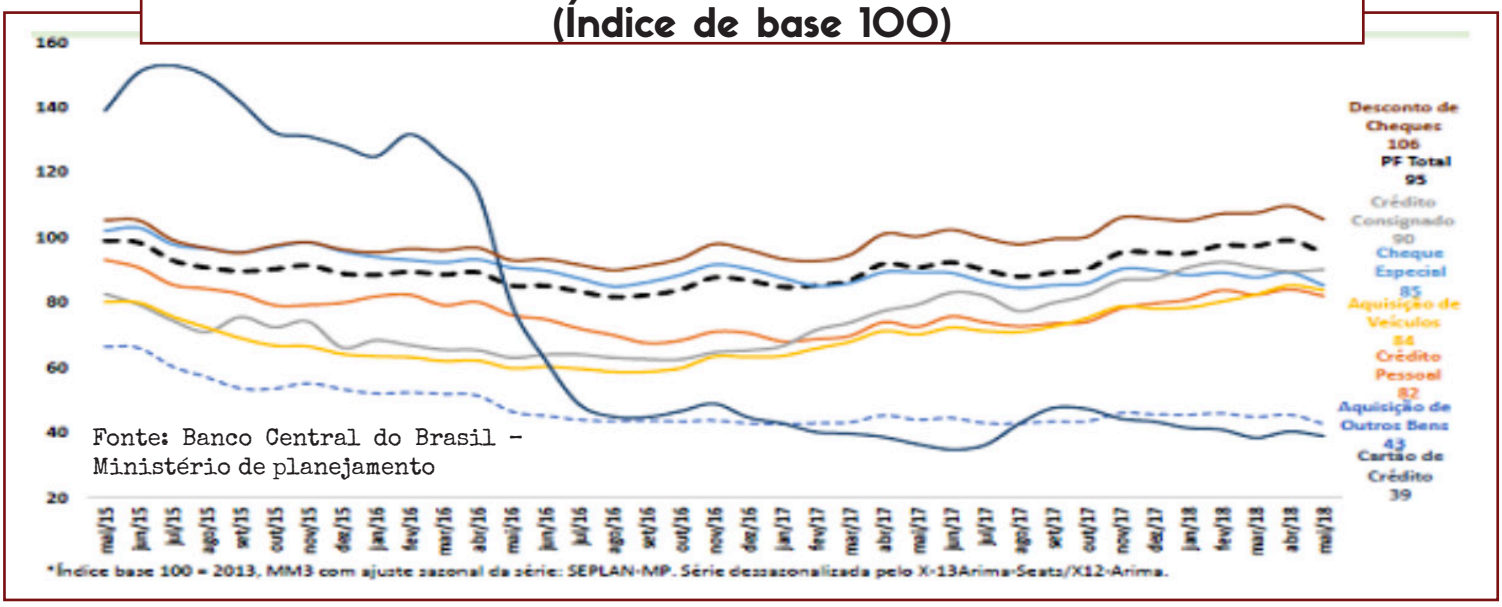


Gráfico 11 - Crédito livre PF–Média diária novas concessões reais (Índice de base 100)



No período recente, a expansão do crédito guarda relações com a elevação do spread bancário derivado pela baixa da inflação combinada com as altíssimas taxas de juros praticadas pelos bancos. Nesse sentido, a ampliação do crédito não está relacionada com um crescimento consistente da produção nacional, particularmente em seu polo dinâmico.

Em síntese, diz-se que não há uma tendência de forte recuperação do crédito, ao ponto de sustentar um ciclo recuperação dos gastos das famílias e, por conseguinte, da Indústria de meios de consumo duráveis, nem tampouco dos demais setores das atividades de meios de consumo, no curto prazo, por muitos motivos. Listamos os principais:

1. Como a oferta de crédito não é acompanhada por crescimento qualitativo da produção, os bancos estão levando em conta o risco sistêmico. Isto, muito provavelmente, logo provocará aumento no preço do crédito.

2. O nível de desemprego cada vez mais alto condicionando o poder aquisitivo deste mercado consumidor.

3. Ademais a ligeira recuperação do emprego na indústria do polo dinâmico está condicionada ao aumento da produtividade do trabalho.

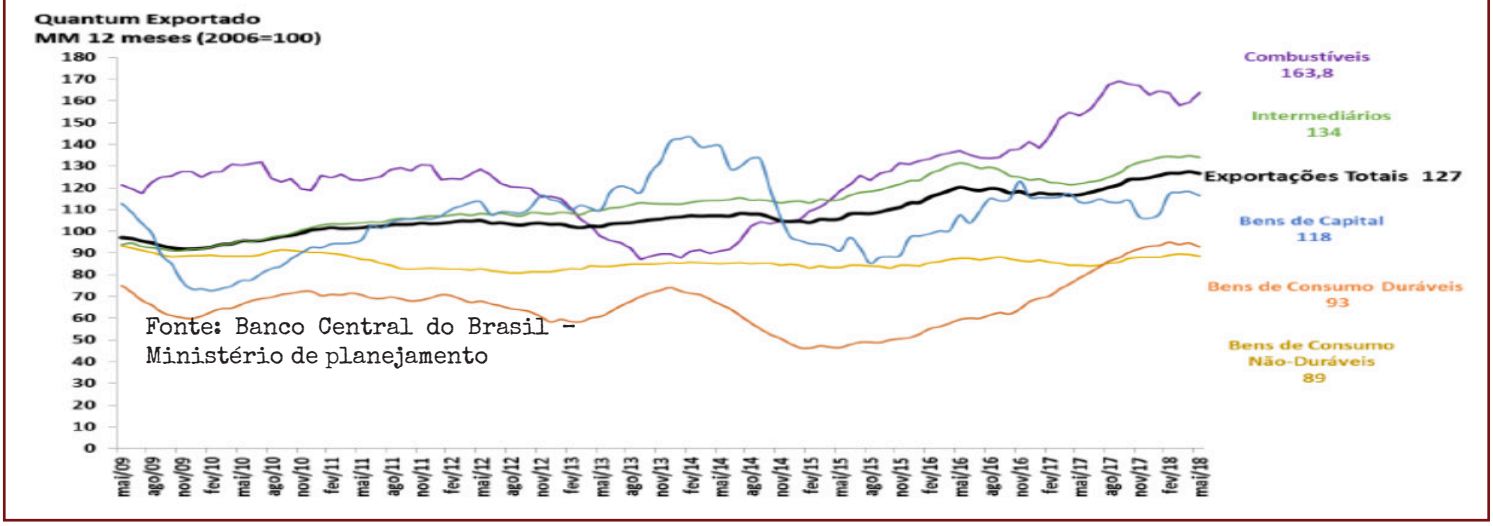
4. As taxas de juros internacionais estão subindo, o que por sua vez levará a mais política restritiva, entre outras causas.

SEM AMPLIAÇÃO DA RENDA DA CLASSE TRABALHADORA E INVESTIMENTOS NO SETOR PRODUTIVO NÃO HÁ POSSIBILIDADE DE UMA AMPLIAÇÃO CONSISTENTE E DURADOURA DO CRÉDITO.

2.2 Exportações

No período em pauta, vê-se um pequeno aumento do volume e dos preços das exportações. Tal condição é derivada das vendas do Agronegócio e da Indústria de meios de consumo duráveis.

Gráfico 12 – Quantum exportado total e por categorias econômicas



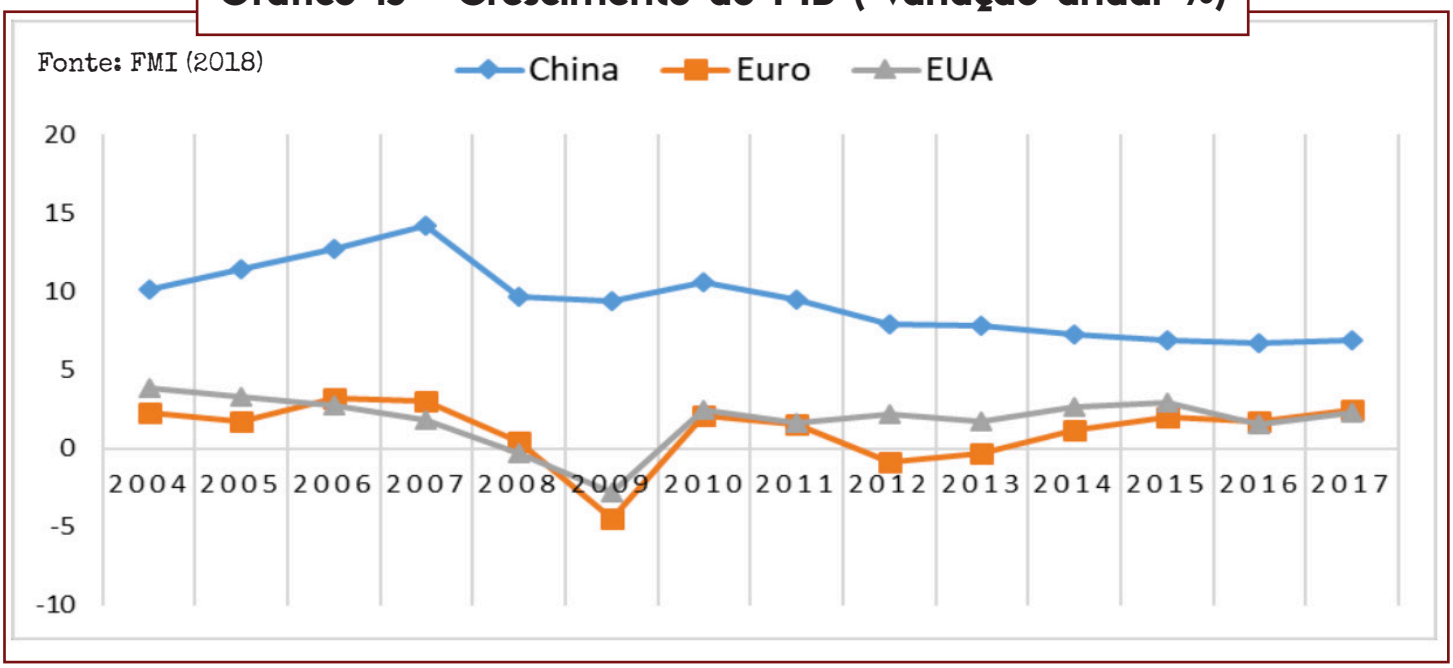
No que toca ao comércio exterior de autoveículos, é bem verdade que houve uma ligeira recuperação das exportações destinadas à Argentina, em especial, no final de 2017 e início de 2018, porém, em função dos novos acontecimentos ligados a economia política internacional, fecha-se aqui a ideia que tal fluxo de comércio não se manterá no próximo período.

Além disso, sabe-se que o comércio exterior de veículos não é muito forte, gira em torno de 25% da sua produção, em melhores etapas dos ciclos econômicos, o restante da produção de autoveículos é destinado ao mercado interno.

Convém dizer que tal força no comércio exterior também não é verificada no setor de meios de consumo duráveis que reúne as atividades de eletroeletrônicos. Este setor sempre foi muito deficitário e, no período recente, segue deficitário com os países asiáticos, em especial, a China.

A situação econômica mundial, marcada por declínio do crescimento econômico dos países centrais e dos Brics, neste caso, em especial, da China, não permite um prognóstico tão bom ao processo de internacionalização comercial dos setores produtivos do Brasil. O gráfico 12 permite uma visão mais apurada do crescimento do PIB nos referidos países.

Gráfico 13 - Crescimento do PIB (variação anual %)



Enfim, a situação está pautada por muitas instabilidades na geopolítica e na economia mundial. Tudo isso também está levando a novos posicionamentos dos Estados Unidos no que diz respeito a liquidez internacional baseada no dólar. Nota-se uma mudança nos rumos da sua política monetária, o que por sua vez constrói uma série de dificuldades a dinâmica macroeconômica em países dominados, como é o caso do Brasil, na medida em que influencia nos preços do crédito, do câmbio, do consumo a longo prazo, entre outros fatores.

CRESCIMENTO DAS EXPORTAÇÕES NO POLO DINÂMICO DA ECONOMIA BRASILEIRA NÃO É SUFICIENTE PARA INVERTER A SITUAÇÃO ECONÔMICA. AFINAL, TAL SETOR ABASTECE, PRINCIPALMENTE, O MERCADO INTERNO.

2.3 Gastos Públicos

As decisões estratégicas das finanças públicas estão dominadas pela “Financeirização”. Em linhas gerais, desde as últimas décadas, viu-se um processo de financiamento do Setor Público por meio de emissão de títulos, pagando juros altos absurdos, muito acima da média mundial, o que por sua vez consolidou uma dívida

pública interna que já ultrapassa a casa de trilhões de reais. Esta é a condição estrutural que influi na dinâmica dos gastos públicos.

Mas não somente isso. Desde 2015, o Estado brasileiro apresenta deficit primário, ou seja, os gastos não financeiros sobrepassa as receitas não financeiras. Esse cenário eleva a possibilidade de cortes expressivos nos gastos públicos, impactando negativamente na demanda de consumo nos mais diversos setores produtivos que abastecem o mercado interno.

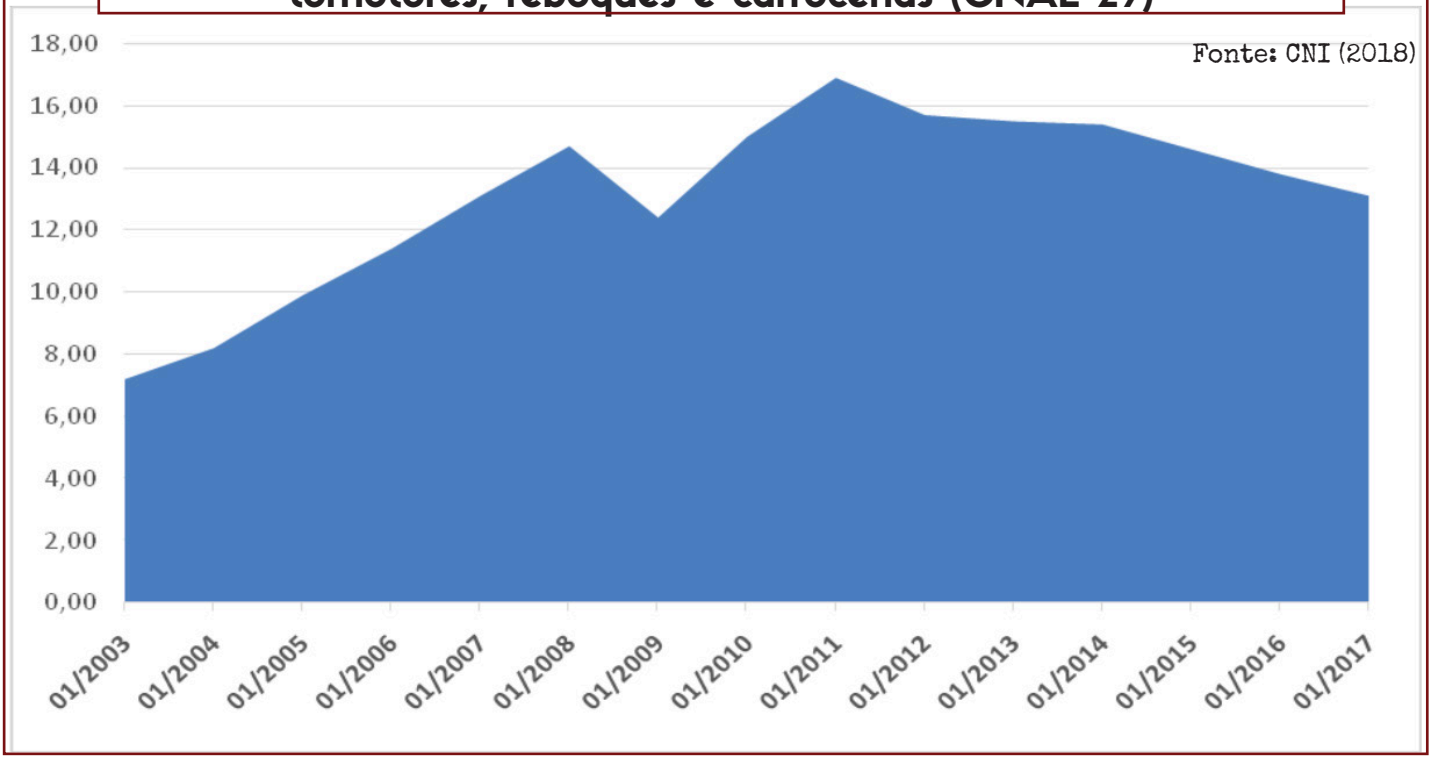
Não sem razão, nos últimos anos, a economia política neoliberal fez reduzir os efeitos multiplicadores dos gastos e investimentos públicos. O consumo do governo teve variações percentuais negativas. Os investimentos públicos atingiram níveis que sequer podem corrigir distorções da estrutura física do Estado. Tudo isso somado a recente queda no crescimento econômico e seus efeitos na arrecadação fiscal.

2.4 Investimentos

O ponto dos investimentos encerra esta discussão sobre a dinâmica macroeconômica do país e se apresenta como o de maior relevo. Este estudo não admite uma recuperação da taxa de investimento (público e privado) no país, mesmo sob a situação de aumento da produtividade do trabalho vista em setores do polo dinâmico.

No Brasil, o processo histórico da semicolonização dificultou a constituição de conexões amplas entre as principais cadeias produtivas da Indústria, em pauta neste trabalho, e o setor de meios de capital. Vê-se sim uma aliança dessas cadeias produtivas com a capacidade produtiva dos países centrais e a divisão internacional do trabalho. Por exemplo, na atualidade, o papel que desempenha a China na produção e no comércio internacional de máquinas e equipamentos. Sendo de tal modo, mesmo nos ciclos de crescimento da economia brasileira, como foi o caso de alguns anos da década de 2000, a resultante tem sido o aumento do coeficiente de importações dos setores de meios de consumo duráveis.

Gráfico 14 - Coeficiente das importações do setor de Veículos automotores, reboques e carrocerias (CNAE 29)



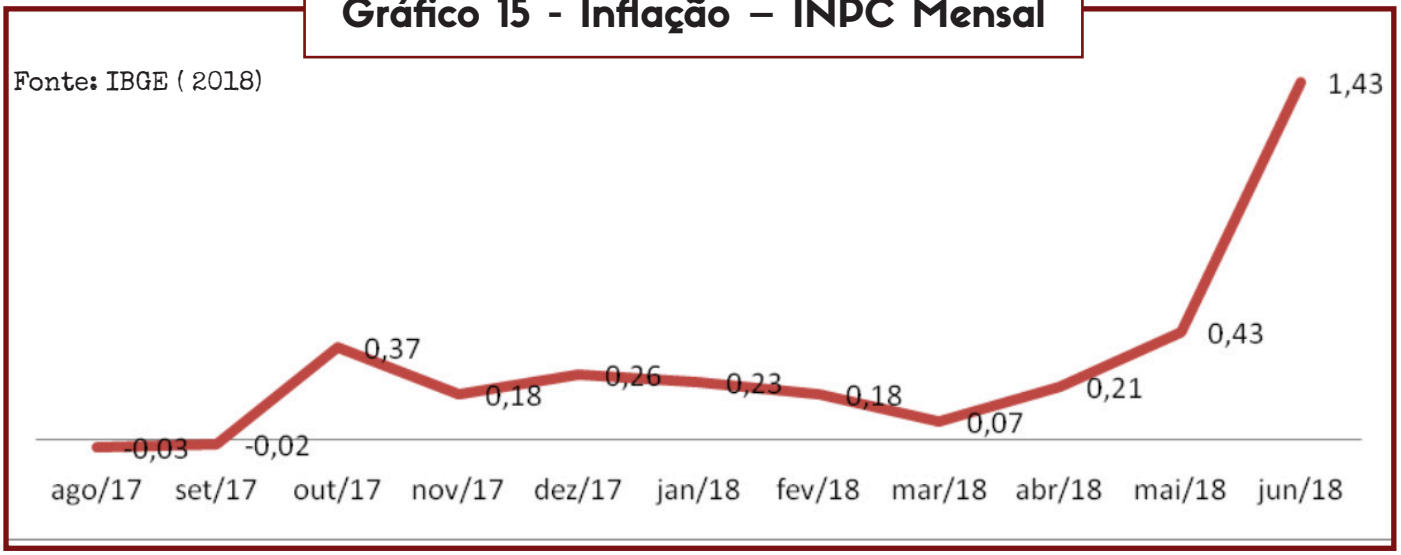
A retomada dos investimentos privados dos setores do polo dinâmico da economia brasileira depende da combinação com outros fatores das demais atividades produtivas do país. Tal combinação envolveria elementos como: 1) um posicionamento do capital bancário pela expansão creditícia destinada as famílias e as empresas, 2) o crescimento das exportações a ponto de criar fortes efeitos multiplicadores no capital produtivo, 3) a situação de aumento dos investimentos públicos etc. A combinação desses elementos, como se procurou indicar, é pouco provável tendo em vista o deficit público atual, a desaceleração das economias ditas emergentes e o temor do setor bancário de um colapso financeiro. Todos esses elementos, portanto, estão carregados do contraditório.

A POSIÇÃO SUBALTERNA DO BRASIL NA DIVISÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO FAZ COM QUE O POLO DINÂMICO DE SUA ECONOMIA, ANTES DE IMPULSIONAR DIRETAMENTE DOS DEMAIS SETORES, SEJA DETERMINADO POR ELES.

3. Inflação

O sistema de preços no país segue muito influenciada pelos fatores contraditórios de domínio dos grandes grupos econômicos sobre as distintas atividades produtivas e a crise econômica na qual vive o país. No primeiro caso, a questão é que os grandes grupos econômicos estão conduzindo uma estratégia de internacionalização dos seus preços, por exemplo, a subida recente dos preços de meios de consumo duráveis e dos preços dos setores intensivos em recursos naturais. A segunda observação é que a crise econômica do país, marcada por baixo crescimento do PIB, desemprego alto, queda dos salários reais, paradoxalmente, está levando aos setores em situação defensiva nas cadeias produtivas e na macroeconomia a promoverem a elevação dos preços, é exemplo disso a dinâmica do setor de serviços de consumo a famílias, do comércio de meios de consumo duráveis, entre outros.

Gráfico 15 - Inflação – INPC Mensal



Os índices de preços estão sintetizando esse processo paradoxal do sistema de preços no país. Nos dois últimos trimestres, quando a economia deu sinais de melhoras econômicas, apenas sinais, emergiram algumas pressões de elevação de preços, em especial, nos sobreditos setores.

Referências

- CNI. Confederação Nacional da Indústria. Disponível em: http://www.portaldaindustria.com.br/cni/. Acesso em: 13/07/2018.
- DATA VIVA. Oportunidades econômicas. Disponível em: http://www.dataviva.info. Acesso em: 20/05/2018.
- IBGE. Censo Demográfico. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/campinas/pesquisa. Acesso em: 06/05/2018.
- IBGE. Disponível em: http://www.ibge.gov.br. Acesso em: 20/07/2018.
- SEADE. Perfil dos municípios paulistas. Disponível em: http://www.perfil.seade.gov.br. Acesso em: 14/04/2018.

NOTA METODOLÓGICA

No último período vemos multiplicar o número de notas técnicas e boletins econômicos feitos por vários órgãos de pesquisa e/ou acadêmicos no intuito de indicar a situação atual e os cenários mais prováveis da economia nacional. Essa quantidade de material fornece, sem dúvida, informações úteis para compreensão e análise do Brasil e sua posição no sistema internacional de Estados. No entanto, tomados em seu conjunto os critérios utilizados nem sempre conduzem a um resultado que julgamos coerente com a situação real do país. Prova disso, no último período, é a quantidade de estudos e notas técnicas que apontavam para uma recuperação econômica do país no presente ano de 2018 e, na sequência, se viram obrigados a rever bruscamente os índices anteriormente indicados. Tendo em vista esse cenário o ILAE-SE se propõem a indicar, nesse Boletim de panorama econômico, novos critérios.

Em primeiro lugar, acreditamos que a principal falha nas análises que mencionamos acima é considerar uma série de variáveis quantitativas que abstraem em grande parte das relações sociais. Notamos, por exemplo, índices como o PIB que levam em conta o total de bens e serviços produzidos no país desconsiderando, todavia, a distribuição dessa riqueza entre capital e trabalho. Distribuição essa que interfere diretamente em outra variável abstrata normalmente considerada: o consumo das famílias, bem como sua poupança.

Acreditamos que variáveis como consumo, poupança, inflação, PIB dentre muitas outras não podem ser consideradas como se possuísse uma base subjetiva, a vontade da população – capitalistas e trabalhadores – de investir, consumir, elevar preços, poupar e assim por diante. Ao contrário, tais elementos subjetivos possuem uma base objetiva e real, sendo condicionados pela dinâmica interna das relações sociais capitalistas.

Nessa dinâmica interna é importante ter em vista que o consumo dos produtos finais pela população está entrelaçado a evolução do emprego, da massa salarial e, portanto, da distribuição da riqueza produzida que, genericamente, se denomina PIB. Além disso, deve-se levar em conta a distribuição da riqueza entre as próprias empresas capitalistas, bem como os próprios setores que a conforma.

Nesse sentido, nos parece de grande relevância ter em conta o desenvolvimento da indústria de transformação do país, responsável pelos produtos de maior valor agregado, que se encontram na ponta da divisão social do trabalho. Some-se a isso a divisão das indústrias entre aquelas produtoras de meios de produção e de meios de consumo final. O desenvolvimento consistente da economia nacional deve considerar que, sem uma indústria sólida de meios de produção, não se terá uma massa de trabalhadores aptos a consumir os produtos destinados ao conjunto da população. Mencionamos acima apenas alguns elementos de natureza social que julgamos relevantes.

Por último, deixamos claro que, em nossa avaliação, a dinâmica interna da economia capitalista não é passível de ser indicada com precisão de antemão, sobretudo, em função de sua natureza irracional e incontrolável, em que a distribuição da riqueza não é planejada por quem quer que seja, mas sujeita as contingências de um mercado indeterminado. Nesse sentido, esse Boletim pretende apenas indicar as principais tendências ou, como o intitulamos, um panorama econômico. Pensamos que qualquer tentativa de realizar previsões precisas e bem determinadas, como demonstra a cada dia aquelas realizadas pelos órgãos oficiais, estão fadadas ao fracasso. Esperamos, assim, contribuir para indicar cenários e perspectivas mais sólidas para a classe trabalhadora brasileira.